
Considerações de Gênero para a pesquisa em Agricultura Urbana

Alice J. Hovorka - alhovorka@onebox.com

Worcester MA, EU

Fotografia: do vídeo "Urban Agriculture", produzido pelo RUAF

A
incorporação
de



considerações de gênero nas pesquisas sobre agricultura urbana é cada vez mais freqüente. De fato, nas cidades do mundo inteiro, na última década, tem havido importantes avanços para se entender melhor as experiências de homens e mulheres que trabalham com agricultura. Vai havendo uma mudança na percepção do "agricultor urbano", não mais como um residente urbano padronizado, masculinizado e não diferenciado, que se dedica à agricultura. Em seu lugar, existe maior reconhecimento de que as experiências das pessoas na agricultura urbana não podem ser facilmente padronizadas, e que a neutralidade de gênero não deixa captar essas experiências em todas as suas dimensões e variedades.

Ultimamente, muitos pesquisadores começaram a dar ênfase nas diferenças existentes entre os agricultores urbanos, destacando os diferentes sistemas agrícolas que se formam segundo os aspectos de gênero, raça, grupo étnico, classe, idade, etc. O reconhecimento da especificidade do contexto e dos diversos pontos de vista oferece uma visão mais ampla e enriquece a pesquisa. Reconhecer as diferenças entre as pessoas que praticam a agricultura urbana evita que se faça uma conceitualização única de suas necessidades, interesses e experiências. Nesse contexto, as considerações de gênero se convertem em uma ferramenta teórica, analítica e metodológica fundamental para se entender melhor a dinâmica dos sistemas de agricultura urbana.

O gênero é a construção sócio-cultural dos papéis e das relações entre os homens e as mulheres. Os papéis atribuídos e a posição relativa de homens e mulheres dentro da sociedade definem em grande parte o acesso às oportunidades e aos recursos, com base nas percepções locais do que seja a "masculinidade" e a "feminilidade". As relações de gênero refletem as contínuas interações e (re)negociações entre homens e mulheres quanto aos seus respectivos papéis e responsabilidades.

O gênero, como categoria analítica, está concebido para capturar esse complexo conjunto de processos sociais, que se vinculam de modo intrincado com as relações de poder. A análise de gênero envolve o exame dos papéis e das responsabilidades

de homens e mulheres, e do *status* social com relação às percepções culturais de masculinidade e feminilidade. (CCIC, 1991; Feldstein e Poats, 1989; FAO, 1995; Overholt e outros, 1995; Thomas-Slayter, e outros, 1995; Woroniuk e outros, 1997). Para tanto, a análise de gênero permite desagregar os dados sobre agricultura urbana e explorar por quê certos processos e estruturas geram diferentes oportunidades e restrições para diferentes pessoas (Hovorka, 1998).

Marco de gênero

A incorporação, à pesquisa sobre agricultura urbana, de um marco que considere as relações de gênero, implica em um processo duplo: a coleta de dados diferenciados por sexo e sua análise e interpretação.

Em primeiro lugar, os pesquisadores devem coletar informações sobre as diversas experiências, necessidades, interesses e acessos a oportunidades e recursos de homens e mulheres, para estabelecer uma imagem do contexto local. Essa etapa da pesquisa visa responder as perguntas "quem, o quê, quando, onde e como" funcionam os sistemas agrícolas urbanos com relação à dinâmica entre os gêneros.

Em segundo lugar, é preciso perguntar-se por que ocorrem tais dinâmicas de gênero. Não é suficiente documentar as diferenças; os pesquisadores devem sondar e examinar mais profundamente os fatores que criam e influem nas diferentes oportunidades e restrições que se apresentam a homens e mulheres no âmbito familiar, regional e global.

É importante esclarecer a necessidade de se contar com um marco duplo - por gênero -, por que embora a literatura sobre agricultura urbana contribua para o entendimento sobre o papel da mulher e suas responsabilidades com relação à essa atividade, frequentemente não analisa nem questiona a forma, o significado e o impacto das dinâmicas de gênero. Muitas vezes a mulher agricultora é considerada isoladamente dos outros componentes da pesquisa, do que resulta apenas uma frase ou um parágrafo documentando dados, por exemplo, sobre a relativa diferença de *status* socioeconômico da mulher em comparação ao do homem. Com frequência os pesquisadores não vão além da simples coleta de dados diferenciados por gênero. Daí que existe uma tendência para passar por cima das estruturas e relações de poder subjacentes, que dão lugar a desequilíbrios e desigualdades entre homens e mulheres. É importante lembrar que o gênero não se refere somente à mulher, mas à dinâmica entre homens e mulheres. Os pesquisadores que vão mais além da simples coleta de dados diferenciados por gênero, e que exploram em profundidade as dinâmicas de gênero, fornecem algumas das informações mais completas, interessantes e dignas de análise no âmbito da agricultura urbana (ex.: Freidburg, 1997; Lee-Smith e Memon, 1993; Maxwell, 1994; Mbiba, 1995; Mianda, 1996; Mudimu, 1996; e Rakodi, 1991).

Por fim, um marco que considere o gênero deve ressaltar o tema da escala, para desenterrar os complexos significados compreendidos na dinâmica de gênero. Não somente é essencial analisar as relações dentro das famílias, mas também é importante explorar as estruturas sociais, econômicas, políticas, organizacionais, legais e ideológicas mais amplas, que dão forma e reforçam as diferenças e as desigualdades de gênero. Em vez de considerar isoladamente uma escala em particular (ex.: micro, meso ou macro), a aplicação da análise de gênero leva a um exame das estruturas e instituições sociais que criam a dinâmica específica do poder no plano local (Rathgeber, 1990:494). Por exemplo, os pesquisadores podem focalizar os efeitos de gênero que a política urbana, a macroeconomia ou as tradições culturais têm sobre a organização e o funcionamento dos sistemas locais da agricultura urbana. Por sua vez, as relações de gênero localizadas em escala micro podem influir sobre estruturas e processos em escalas meso e macro.

Exemplos de análise de gênero na literatura sobre Agricultura Urbana

Alguns pesquisadores no campo da agricultura urbana fizeram bem ao ilustrar como se constrói, se legitima, se mantém e se impõe a hierarquia de gênero dentro de contextos específicos. Por exemplo, Mianda (1996: 91) demonstra como as mulheres de Kinshasa, República Democrática do Congo (antigo Zaire) utilizam estratégias e táticas para levarem vantagem sobre seus maridos e assim ganhar o controle sobre sua empresa hortícola. Mianda descobriu que os homens se negam a participar de tarefas femininas, tais como a agricultura, o que permite que as mulheres consigam sua aprovação para iniciar o cultivo da terra, com o argumento de que isso contribuirá para o bem estar familiar. A divisão do trabalho por razão de sexo determina, portanto, que a atividade nas hortas é um trabalho totalmente feminino e as mulheres amparam-se nessa categorização para controlar todo o processo, desde o plantio até a fixação de preços, a negociação e a comercialização. Verificou-se que muitas delas escondem de seus maridos parte do faturamento em potes na cozinha. Novamente, a percepção cultural de que o trabalho doméstico é domínio da mulher impede os homens de tocarem nos utensílios da cozinha, por temerem converterem-se em vítimas de algum malefício. Nesse contexto, a mulher se aproveita das vantagens de uma tradição cultural que, quase sempre, tende a marginalizá-las, seja na esfera social, seja na particular.

Estas pesquisas das relações de poder são essenciais para se entender a dinâmica de gênero nos sistemas de agricultura urbana. Por exemplo, Mbiba (1993) revela que, embora a mulher tenha controle e poder de decisão sobre os cultivos, precisa entretanto do consentimento do esposo para agir, devido à ajuda que ele pode prestar no financiamento ou nas negociações com as autoridades locais. Shehu e Hassan (1995) verificaram que as atividades de produção de laticínios por membros de uma família servem para equilibrar a relação de poder, ao possibilitar às mulheres desenvolverem um empreendimento próprio. É necessário compreender qual membro da família controla a produção e a renda gerada pela atividade agrícola, e por que é assim. Os temas pesquisados sobre as relações de poder e controle lançam alguma luz sobre o *como* e o *por que* certos membros da família escolhem certas atividades agrícolas urbanas - ou são indicados para elas.

Mais além da relação de gênero dentro dos lares, alguns pesquisadores exploram os complexos significados embutidos nos sistemas de agricultura urbana em várias múltiplas. Isso também pode ser visto no estudo de Mianda (1996), que demonstra como as tradições culturais e as ideologias definem os papéis masculino e feminino que formam a base da luta pelo poder no setor da produção hortícola doméstica. Em particular, certas políticas de ajuste estrutural criaram problemas diferentes para a mulher em comparação ao homem. Friedberg (1997) explorou a liberalização comercial em Burkina Faso, que levou os horticultores urbanos a adotarem estratégias mais empresariais para assegurar seu acesso aos mercados e à assistência externa. As reformas econômicas não conseguiram criar um mercado onde não existam as considerações de gênero, deixando a mulher em uma posição de desvantagem com relação ao homem. Os pesquisadores acima mencionados deram uma importante contribuição à literatura sobre AU ao ampliarem nosso conhecimento sobre as dinâmicas de gênero, através da coleta de dados diferenciados por sexo e da análise adequada das relações de gênero.

Considerações metodológicas

O marco duplo sobre gênero apresentado acima permite aos pesquisadores indagarem "quem, o quê, quando, onde e como", usando dados diferenciados por gênero, e explorar o por quê dessa dinâmica através de uma cuidadosa interpretação e da análise de gênero. Alguns exemplos colhidos na literatura sobre agricultura urbana na literatura mostram as complexas estruturas que são reveladas quando se enfocam as diferenças de gênero entre os agricultores urbanos. Para os pesquisadores, pode ser desanimador descobrir tais dinâmicas, especialmente para aqueles que não estão familiarizados com os conceitos de gênero ou com as abordagens feministas da ciência. Ainda assim, as considerações de gênero dentro

da pesquisa da agricultura urbana podem ser aplicadas em vários graus e através de uma variedade de métodos. Realmente, pesquisadores de qualquer tendência teórica e filosófica podem explorar a dinâmica de gênero nos sistemas de agricultura urbana, mesmo que a partir de diferentes perspectivas.

O processo para incorporar ao desenho da pesquisa um marco de trabalho por gênero começa fazendo-se perguntas fundamentais para descobrir os processos e as estruturas de gênero dentro de um contexto particular. A Tabela 1, abaixo, que foi adaptada de uma publicação anterior (Hovorka, 1998: 15), detalha a metodologia de gênero para a pesquisa em agricultura urbana. Esta "Lista de Temas de Gênero e Agricultura Urbana" ilustra os tipos de pergunta que podem ser considerados, utilizando-se uma variedade de ferramentas metodológicas. Esta lista não é definitiva, e não deve ser utilizada como um modelo rígido. É recomendável que os pesquisadores elaborem mais especialmente os temas da lista que sejam relevantes e apropriados a seu contexto particular. Mais ainda, gostaríamos de estimular os pesquisadores a explorarem outros temas de gênero e agricultura urbana que não constem da mencionada lista (Hovorka, 1998: 14).

Tabela 1 - Lista de Temas de Gênero e Agricultura Urbana

<p>Divisão do trabalho</p> <ul style="list-style-type: none">• Quem são os agricultores urbanos?• Que papel desempenham homens / mulheres, adultos / crianças, dentro do ambiente familiar?• Como se divide o trabalho (ex.: semeadura, rega, colheita, processamento, venda etc.)?• Quanto tempo é empregado em cada atividade relacionada com a AUP? <p>Fatores econômicos</p> <ul style="list-style-type: none">• A quais atividades remuneradas se dedicam os membros (homem/mulher) da família?• Existem barreiras para a entrada de novos produtores na AUP? Em caso afirmativo, quem é excluído e por quê?• Que fontes de renda são investidas na AUP ou se originam dela? Quem controla e/ou toma decisões sobre esses recursos?• Que capacitação recebem ou já receberam os membros da família (homem/mulher) (ex.: planejamento de negócios, técnicas de produção)? <p>Recursos</p> <ul style="list-style-type: none">• A quais insumos econômicos, recursos e serviços para AUP têm acesso ou controle os homens/mulheres (ex.: terra, equipamento, ferramentas, mão-de-obra, dinheiro vivo/crédito, treinamentos, informações etc.)?• A quais recursos políticos ou estruturas sociais têm acesso ou controlam os homens/mulheres (ex.: organizações, educação, liderança etc.)?• Como afeta aos homens/mulheres a escassez / abundância de um recurso em particular? Como isso afeta a divisão de trabalho e o emprego do tempo nas diversas atividades?• A quem pertence o solo utilizado para AUP? Quem controla os recursos do solo e da água? Quem tem acesso? <p>Redes sociais</p> <ul style="list-style-type: none">• Que tipo de relações sociais existem entre os homens/mulheres envolvidos com AUP?• Quem tem acesso a informações, recursos, canais de comercialização etc. nas

atividades de AUP e através de qual estrutura social isso é possível?

- Que tipo de organização cooperativada existe? Quem são seus membros? Como se dividem as responsabilidades, atividades, processos de tomada de decisões, e os rendimentos entre os membros cooperantes (homens/mulheres)?

Estruturas políticas e legais

- Existe uma política oficial ou apoio do governo à AUP, e que favorece a algum dos sexos em particular (ex.: estatutos, definições de AUP, reconhecimento apenas de certos grupos sociais)?
- Gozam os homens e mulheres da mesma condição perante a lei? Se não, como a lei discrimina e quais são as repercussões de se participar em atividades de AUP?
- Estão as autoridades comprometidas com um diálogo com os residentes urbanos? Como? Quem tem voz nesse diálogo?

O simples fato de se fazerem perguntas como as que aparecem na lista acima pode servir de trampolim para a incorporação de temas de gênero na pesquisa sobre agricultura urbana. Certamente, a amplitude e profundidade desse levantamento dependerão do enfoque ou da envergadura dos processos investigativos. É necessário reconhecer que diferentes pessoas - nesse contexto, homens e mulheres - têm experiências e perspectivas únicas que não podem ser padronizadas. Ao diferenciar os dados por sexo, os pesquisadores podem começar a identificar onde ocorrem tais diferenças ou similitudes, e quais implicações têm elas sobre a agricultura urbana. Uma análise posterior deveria investigar por que existem tais relações de poder por gênero e os impactos percebidos pelos homens e mulheres envolvidos.

Referências

- CCIC. 1991. Two Halves Make a Whole: Balancing Gender Relations in Development. Ottawa, Canadá: Centro Canadense para a Cooperação Internacional.
- FAO. 1995. Gender Analysis and Forestry. Roma, Italia: Programa da FAO para as Pessoas, as Árvores e o Reflorestamento.
- Feldstein Hilary S and Poats Susan V. 1989. Working Together: Gender Analysis in Agriculture: Volume 1 (Estudos de Caso) e Volume 2 (Apontamentos Didáticos). West Hartford, Connecticut: Kumarian Pre".
- Freidberg Susanne. 1997. Contacts, contracts, and green bean soltemos: liberalisation and agro-entrepreneurship in Burkina Faso. *The Journal of Modern African Studies* 35 (1): 101-128.
- Hovorka Alice J. 1998. Gender Resources for Development Research and Programming in Urban Agriculture. *Cidades que Alimentam Pessoas, Série 26*, Ottawa, Canadá: CIID.
- Lee-Smith Diana and Memon Pyar Ali. 1993. Urban agriculture in Kenya. *Canadian Journal of African Studies* 27(1): 2542.
- Maxwell Daniel G. 1994. Internal struggles over resources, external struggles for survival: urban women and subsistence household production. Trabalho apresentado à Associação de Estudos Africanos, Toronto, Canadá, 3-6 de novembro de 1994.
- Mbiba Beacon. 1995. Classification and description of urban agriculture in Harare. *Development Southern Africa* 12(1): 7586.
- Mbiba Beacon. 1993. Urban agriculture, the poDe and planners: Estudo de caso de Harare. Conferência Interescolar, Reino Unido: Unidade de Planeamento do Desenvolvimento, University College, Londres, pp 129-135.
- Mianda Gertrude. 1996. Women and garden produce of Kinshasa: the difficult quest for autonomy. Em: Ghorayshi Parvin and Belanger Claire (eds), *Women, Work, and Gender Relations in Developing Countries* (Westport Connecticut: Greenwood Press), pp 91-101.
- Mudimu Godfrey D. 1996. Urban agriculture activities and women's strategies in sustaining family livelihoods in Harare, Zimbábue. *Singapore Journal of Tropical Geography*. 17(2): 179-194.

- Overholdt Catherine A et .1.1991. Gender analysis framework. En Rao Aruna, Anderson Mary B. y Overholdr Catherine A. (eds) Gender Analysis in Development Planning (West Harrford, Connecticut: Kumarian Press), pp 9-20.
- Rakodi Carole. 1991. Women's work or household strategies? Environmenr and Development 3(2): 39-45.
- Rathgeber EvaM.'1990. WID, WAD, GAD: trends in research and practice. The Journal of Developing Areas 24 Ouly): 489-502.
- Shehu D/r Hassan WA. 1995. Women in dairying in the African savanna: their conrriburion to agro-pastoril household in çamo in the dry northwest of Nigeria. Nomadic PedJ'les 36/37: 53-63.
- Thomas-Slayrer Barbara et .1.1995. A Manual for Socio-Economican Gender Analysis: Responding to the Developmenr Challenge. ECOGEN. Worcester, Massachusetts: Clark University.
- Wotoniuk Beth, Thomas Helen y Sch.1kwyk Joanna. 1997. Gender" The Concept, its Meaning and Uses. Estocolmo, Suecia: SIDA, Departamento de Política e Serviços Legais.